

UNIÃO DOS ESTUDANTES COMUNISTAS



DISCURSO DO CAMARADA A. CUNHAL NO COMÍCIO DA U.E.C.

(realizado no Pav. dos Desportos no dia 31-1-76)

Camaradas:

Há precisamente 4 anos, na clandestinidade imposta pela ditadura fascista, no prosseguimento da acção desenvolvida pelas organizações estudantis do PCP, foi constituída a União dos Estudantes Comunistas.

Organização provada e experimentada na clandestinidade, contendo numerosos quadros forjados na dura luta nas condições do fascismo, a UEC apareceu à luz do dia com o 25 de Abril e, no novo Portugal libertado, continuou firmemente, na linha das suas magníficas tradições, a lutar pelos objectivos definidos desde a sua criação: a luta em defesa dos interesses dos estudantes, a luta pelas liberdades democráticas, a luta contra o colonialismo, a luta pela verdadeira independência de Portugal e a luta pelo socialismo, grande ideal da juventude.

Pela sua actividade abnegada, exigindo no novo Portugal democrático não menos determinação que no Portugal fascista do passado, pela sua elevada contribuição para a defesa da liberdade, para o desenvolvimento do movimento popular e do processo revolucionário, pelo incansável e constante apoio dado ao Partido, transmito à União dos Estudantes Comunistas (UEC), à sua Comissão Central, a todos os seus militantes, as mais calorosas saudações do Comité Central do Partido Comunista Português.

OS PERIGOS DA CONTRA-REVOLUÇÃO

A União dos Estudantes Comunistas, completa o 4.º ano da sua criação, num momento particularmente complexo e perigoso da revolução portuguesa.

Avançando pelo caminho que lhes foi aberto por aliados imprevidentes, as forças reaccionárias e conservadoras tomaram posições, incitam a uma monstruosa vaga de saneamentos à esquerda, fazem exigências, ameaçam os seus recentes aliados, põem em causa conquistas da revolução e revelam cada vez com maior clareza o seu propósito de liquidar as liberdades, de impedir a vida democrática do nosso país e a decisão livre do nosso povo, de impedir a construção dum Portugal democrático, de instaurar uma nova ditadura fascista.

Precisamente ao contrário de que tempos atrás alguns anunciavam revela-se mais claramente do que nunca, que a viragem à direita não trouxe a prometida calma e tranquilidade e que os factores da desordem, da intranquilidade e da insegurança, não são o PCP nem o movimento operário e popular mas precisamente as forças da direita reaccionária.

Na luta contra a reacção e na defesa da ordem democrática, duas tarefas principais se colocam no momento presente.

A primeira é pôr termo à situação antidemocrática existente em vastas regiões, onde, sob a égide CDS-PPD, se instaurou um poder local reaccionário, e garantir o exercício das liberdades e direitos dos cidadãos em todo o território nacional.

A segunda é estacar a escalada do terrorismo, desmantelar as suas organizações, punir os responsáveis por violências contra pessoas e bens, por assaltos, incêndios, atentados à bomba contra partidos progressistas e militantes, contra sindicatos, contra organizações culturais.

A pronta execução destas tarefas é urgente e fundamental para salvaguardar as liberdades, assegurar o mínimo de condições para a realização de eleições dignas deste nome.

O terrorismo é hoje a expressão mais esclarecedora dos métodos e propósitos da direita. O terrorismo mostra bem o futuro que a direita reservaria ao nosso povo no caso de conseguir liquidar a situação democrática.

O Governo e as autoridades têm o estreito dever de tomar enérgicas medidas contra o terrorismo. Em muitos casos são conhecidos os autores de violências. Não se pode aceitar que continuem à solta e impunes. E se as autoridades só por si não estão em condições de descobrir e localizar os bandos fascistas e os membros dos grupos terroristas, procurem a cooperação popular e, se houver firme determinação de assegurar a ordem democrática, podemos garantir que, em pouco tempo, o terrorismo fascista será localizado, contido e derrotado.

Associando a actividade legal e a actividade clandestina, eleitoralismo e o terrorismo, a reacção caminha simultaneamente em duas direcções: uma é a degradação da situação geral preparando um golpe de força, e o assalto ao poder. Outra é a instauração progressiva em todo o território nacional de uma situação antidemocrática, que possibilite a vitória da direita numa mascarada eleitoral e, como consequente a tomada pacífica do poder. A instauração duma nova ditadura fascista pela via pseudo-democrática, não é um absurdo e foi isso precisamente que aconteceu na Alemanha em 1935.

As forças democráticas, todos quantos querem evitar o regresso de Portugal ao passado fascista, têm de unir-se e impedir o avanço da reacção em qualquer uma destas direcções.

Os estudantes em geral e os estudantes comunistas em particular têm um destacado papel a desempenhar nesta luta decisiva para o futuro de Portugal.

A LUTA PELA LIBERDADE

A UEC continua lutando pelos elevados ideais consagrados na Declaração de Janeiro de 1972, publicado precisamente há 4 anos, quando da sua fundação.

A UEC definiu então quatro grandes objectivos políticos: A luta contra o fascismo e pelas liberdades e a democracia; a luta contra o colonialismo; a luta contra o imperialismo e pela verdadeira independência nacional; a luta pelo socialismo e o comunismo.

Derrubada a ditadura, avançando o processo revolucionário, como se coloca na actualidade a luta por estes objectivos?

A luta pelas liberdades e a democracia traduz-se fundamentalmente numa oposição aos perigos da direita reaccionária, na defesa e no exercício das liberdades e direitos de associação, de reunião, de manifestação e de imprensa, na reclamação do respeito pela ordem democrática e de enérgicas medidas contra o terrorismo, na exigência de condições de liberdade em todo o território nacional, de forma a tornar possível que as anunciadas eleições, sejam de facto eleições e não, como é previsível em vastas zonas do País, uma mascarada eleitoral que o CDS e o PPD preparam.

Nos saudamos todos aqueles que lutam contra a ameaça fascista e as ofensivas reaccionárias, expressamos a nossa plena confiança em que os inimigos da liberdade e da democracia serão derrotados e que o povo português conseguirá impedir o regresso ao passado fascista, conseguirá construir um regime democrático.

Fiel às suas tradições de luta e na linha do seu programa, a UEC continuará lutando firmemente como parte integrante que é do movimento popular, pelas liberdades e pela democracia.

Essa luta tem aspectos particulares, nas próprias escolas, onde a ofensiva reaccionária se faz também sentir.

Lutar contra a ameaça fascista, pelas liberdades e a democracia, para os estudantes é também lutar contra a liquidação da gestão democrática nas escolas, e contra a reitagração de fascistas e a conquista da chefia pela reacção.

Lutar contra a ameaça fascista, pela liberdade e a democracia é lutar pelo revigoramento, autonomia e democraticidade do movimento associativo.

Lutar contra a ameaça fascista, pela liberdade e a democracia, para os estudantes é também lutar contra as violências e agressões nas escolas, contra os bandos de arruaceiros, contra actividades abertamente fascistas, em que os jovens do acto deixaram assim a face de pseudo-revolucionários para mostrarem a sua verdadeira cara: grupos neonazis, cujas palavras e acções se confundem já com as da extrema-direita.

ao serviço de contra-revolução, como o MRPP, a AOC, e o PC de P (m.l.) que há muito, tanto pelas palavras como pelos actos deixaram pseudo-revolucionários para mostrarem a sua verdadeira cara: grupos neonazis, cujas palavras e acções se confundem já com as da extrema-direita.

Para a UEC lutar pela liberdade e pela democracia não só significa participar na luta geral do nosso povo por esses objectivos como lutar no concreto, pelas liberdades e a democracia nas escolas.

A LUTA PELA DEMOCRACIA E PELO SOCIALISMO

A luta pela democracia e a luta pelo socialismo estão intimamente relacionadas na nova situação concreta, uma vez que só se podem assegurar a construção dum regime democrático, com a liquidação do poder dos monopólios e dos agrários, com transformações económicas e sociais profundas abrindo caminho para o socialismo.

A luta pela democracia e pelo socialismo traduz-se por isso na situação actual na luta pela defesa e consolidação não apenas das liberdades, mas das outras grandes conquistas da revolução, designadamente das nacionalizações, da reforma agrária, do controlo operário.

Nós saudamos calorosamente a luta corajosa da classe operária contra as tentativas de recuperação capitalista e expressamos a nossa confiança em que os grandes capitalistas e aqueles que os protegem não conseguirão os seus intentos, as nacionalizações e o controlo operário serão firmemente defendidos.

Nós saudamos calorosamente a luta corajosa dos trabalhadores agrícolas e dos pequenos e médios agricultores na realização e defesa da reforma agrária contra as tentativas de retomada dos latifúndios pelos grandes senhores da terra e expressamos a nossa plena confiança em que os grandes agrários e as forças da reacção que os apoiam serão contidos e derrotados e que a reforma agrária prosseguirá até à sua completa realização.

A UEC que sempre lutou corajosamente por reformas profundas abrindo caminho para o socialismo, que ligou sempre a sua luta à luta da classe operária e do povo trabalhador, que apoiou as nacionalizações, o controlo operário, a gestão dos trabalhadores em empresas conduzidas à beira da falência pelo grande capital, tem de continuar activamente solidária para com a luta dos trabalhadores, em defesa das grandes conquistas da revolução, a luta para impedir que aqueles que arruinaram, defraudaram, abandonaram, conduziram à beira da falência as empresas venham agora, apoiados na repressão, tomar de novo conta delas, quando foram os trabalhadores com os seus esforços e sacrifícios que asseguraram a sua sobrevivência.

A UEC, que sempre apoiou activamente a reforma agrária, tem de continuar firmemente solidária para com os trabalhadores alentejanos e ribatejanos que, nas antigas terras abandonadas ou mal cultivadas dos latifúndios, estão edificando com o seu suor, os seus sacrifícios, o seu heróico trabalho criador, uma nova agricultura livre do domínio da exploração e de parasitismo dos grandes agrários, uma nova agricultura que pronuncia a futura economia socialista em Portugal.

Estamos certos que a UEC continuará a levar a cabo essa magnífica forma de solidariedade que são as jornadas de trabalho voluntário e gratuito para as cooperativas e herdades colectivas, ajuda concreta à reforma agrária e factor de educação revolucionária da juventude.

A LUTA PELA REFORMA DEMOCRÁTICA DO ENSINO

Para os estudantes a luta pela liberdade, a democracia e o socialismo tem como um dos seus principais aspectos a luta por um ensino ao serviço do povo, a luta pela Reforma Geral e Democrática do Ensino.

Tem de reconhecer-se que, dois anos depois do 25 de Abril, ainda o ensino mantém as suas características de classe vindas dos tempos do fascismo.

Essa situação impõe uma luta permanente com alguns objectivos fundamentais.

É necessário lutar para que o acesso às escolas seja amplamente facilitado aos filhos dos trabalhadores com a solução correspondente dos problemas sociais dos estudantes e se ponha fim à situação actual em que a frequência dos liceus, colégios e escolas superiores, continua a ser praticamente vedada aos filhos dos trabalhadores, em que o critério principal de selecção é o dinheiro dos pais e não o mérito dos alunos e é por isso que nós vemos nas escolas tanto jovens CDS e PPD de braço estendido a gritar «Heil Hitler» e «Viva Castano».

É necessário lutar pela associação do trabalho intelectual e do trabalho manual e que se ponha fim à situação actual em que os progressos e métodos continuam a ser diversos, talvez porque o trabalho manual é considerado indigno e vexatório na casta daqueles mesmos que se recusavam a um serviço cívico revolucionário.

É necessário lutar para que as escolas formem quadros para a nova economia surgida das nacionalizações e da reforma agrária, rumo ao socialismo, para que as escolas técnicas preparem os trabalhadores para uma melhor direcção e gestão das empresas nacionalizadas, de fábricas sob controlo operário, de cooperativas agrícolas e herdades colectivas e que se ponha fim à situação actual em que o ensino é ainda orientado com vista à formação de quadros para servirem empresas dominadas pelo capitalismo monopolista e por latifundiários.

É necessário lutar para assegurar a democratização da gestão e das estruturas escolares, impedindo a degradação do ensino provocada pelos agentes pseudo-revolucionários da contra-revolução, evitando as soluções anárquicas e inoperantes que reduzem a gestão democrática a uma caricatura ou a um culto da incompetência e do compadrio de grupos sectários.

Assim como a reacção lança uma ofensiva para a reorganização dos capitalistas e agrários, assim também lança uma ofensiva para a recuperação das escolas.

A UEC, e com a UEC a massa estudantil tem como uma das suas tarefas fundamentais da hora presente impedir a recuperação das escolas pela reacção e insistir na luta pela reforma geral e democrática do ensino.

A LUTA PELA INDEPENDÊNCIA NACIONAL

A luta pela verdadeira independência nacional traduz-se no momento presente, na luta contra a recuperação de posições dominantes pelo capital estrangeiro, na luta contra empréstimos e investimentos do imperialismo acompanhados por ingerência, condições ou imposições políticas contra a nossa jovem democracia.

O PCP defende o desenvolvimento das relações de amizade e cooperação com todos os povos, incluindo os países capitalistas e mais concretamente os países do Mercado Comum e os EU.

Mas somos contrários a novas formas de subjugação económica, acompanhada de condições e imposições políticas.

Podemos trocar vinho por petróleo, conservas por equipamento, têxteis por algodão. Podemos solicitar e aceitar empréstimos e investimentos. Mas não queremos nem devemos trocar por promessas ou dâdivas de um suposto auxílio a composição de um Governo, o partido político de tal ou tal Ministério, a organização dos poderes do Estado. Não queremos nem devemos trocar a independência e a soberania nacionais por empréstimos de alguns milhões de dólares ou de marcos, por muitos que sejam.

Se não queremos um socialismo de miséria, também não queremos promessas de abundância ao preço da colonização da nossa própria pátria.

A UEC, fiel à sua orientação sabará elevar o espírito anti-imperialista, de todos os seus militantes e chamar à luta patriótica contra o imperialismo e seus agentes domésticos e massa estudantil.

A luta contra o colonialismo traduz-se hoje fundamentalmente na defesa das relações de amizade e cooperação com os estados de Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, e S. Tomé e Príncipe, no apoio ao povo de Timor, no apoio à luta do povo angolano, do MPLA da República Popular de Angola, contra a intervenção dos racistas sul-africanos e dos mercenários a soldo do imperialismo, à luta pela independência total e definitiva da sua pátria.

Nós saudamos calorosamente as vitórias recentes do MPLA e expressamos plena confiança em que os inimigos do povo angolano sofrerão completa derrota.

O PCP defendeu que, mesmo antes da meia-noite do dia 10 de Novembro, momento previsto para a Proclamação da Independência de Angola, o Governo português deveria ter reconhecido o governo a constituir pelo MPLA em Luanda. Até hoje isso não foi feito e cada dia que tarda no reconhecimento do Governo da República Popular de Angola agrava as relações de Portugal com Angola e as perspectivas de amizade e cooperação futura, assim como contribui para a deterioração das relações com os novos Estados independentes criados nas antigas colónias portuguesas. O PCP chama a atenção para as consequências desta atitude e reclama o imediato reconhecimento do Governo da República Popular de Angola.

A UEC, que lutou corajosamente contra a guerra colonial e o colonialismo, e foi sempre activamente solidária para com a luta dos povos submetidos ao colonialismo português e da sua juventude saberá estar mais uma vez à altura das suas responsabilidades, desenvolvendo as relações de amizade com a juventude das ex-colónias portuguesas e desenvolvendo uma activa campanha de apoio e solidariedade para com o heróico povo de Angola, o MPLA, a República Popular de Angola, com a qual queremos que Portugal assegure relações de fraternal amizade e cooperação.

O MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Na luta pelos interesses vitais dos estudantes, na luta contra o fascismo, o colonialismo e o imperialismo, na luta pela liberdade, a democracia, a independência nacional e o socialismo, o movimento associativo desempenha um papel de primordial importância.

O movimento associativo continua a ser, tal como há 4 anos a 1.ª Declaração da UEC e definiu, «a principal base» da luta dos estudantes portugueses. O movimento associativo, melhor que qualquer outro campo de acção e formas de organização, pode dar à luta dos estudantes a amplitude, a unidade e a clareza de objectivos susceptíveis de congregar numa massiva frente de luta centenas de milhares de jovens.

Precisamente pela importância capital do movimento associativo na organização, na unidade e na luta dos estudantes a reacção procurou sempre, antes do 25 de Abril, como depois, destruir o movimento associativo.

Grupos de provocadores pseudo-revolucionários aliados da direita, com métodos golpistas, com provocações, violências e arruaças, com um intolerante dirigismo, com a constituição de verdadeiras pequenas mafias, pervertendo eleições e assembleias, conseguiram desacreditar e paralisar em numerosas escolas, e em alguns casos destruir, a vida associativa, roubando assim aos estudantes uma base fundamental e um insubstituível instrumento de luta e de realizações.

Uma tarefa que se coloca à UEC, em unidade com outros estudantes progressistas, é arrancar as associações à estagnação e imobilidade, à ocupação por pequenas seitas intolerantes, restitui-las às massas estudantis, reanimá-las e reorganizá-las, torná-las organismos vivos, grandes centros de luta reivindicativa, de acção pedagógica, de vida cultural, desportiva, e de convívio, grandes organizações unificadoras da vida e da luta dos estudantes portugueses.

O valor da contribuição dos estudantes na luta contra a reacção para a defesa e a construção da nossa democracia, depende em grande parte dessa reorganização, revigoração e actividade das massas do movimento associativo.

Estamos confiantes em que, no ano corrente, os estudantes comunistas registarão grandes êxitos nesta decisiva frente do seu trabalho.

A União dos Estudantes Comunistas está em condições de realizar com êxito as tarefas que lhe cabem no momento presente.

É certo que os efectivos da UEC, apesar de numerosos, estão longe do que poderiam ser. Milhares de estudantes hoje fora da UEC, podem e devem ser atraídos às suas fileiras. Confiamos em que o serão. Mas, apesar de atrasos no recrutamento, a UEC tem força e influência.

A UEC é a vanguarda aguerrida da juventude estudantil.

Os estudantes comunistas da UEC assim como os jovens trabalhadores comunistas da UJC, levantam bem alto a bandeira gloriosa das juventudes comunistas, a bandeira que acompanha o rumo certo, a bandeira da combatividade, da coragem, da dedicação à causa da liberdade e do socialismo.

A vanguarda só por si não pode porém jamais alcançar a vitória. A vitória só pode ser alcançada se a vanguarda souber esclarecer, organizar, unir e conduzir à luta as amplas massas.

O perigoso momento presente torna mais do que nunca imperiosa a unidade e a acção das massas.

A UNIDADE NECESSÁRIA

Quando afirmamos que se atravessa um momento perigoso para as liberdades e para a sorte da revolução, não é uma palavra que repetimos de forma rotineira ou com intuítos de propaganda. Ela corresponde à situação real e são tão evidentes os perigos que toda a gente os sente e pressente.

A direita diz que quer eleições, que quer um regime democrático em Portugal. Mas a vaga terrorista que dá a expressão de violência à orientação e objectivos políticos da direita, as ameaças, os ultimatos, as pressões, o anúncio que é feito de acções violentas contra a reforma agrária, comprovam que a reacção não pensa tanto em eleições como num golpe de força, ou em golpes de força.

Se não for compreendido por todos os portugueses e portuguesas que não querem voltar ao passado fascista, que a hora é grave e cheia de perigos, esses perigos podem consumir-se.

É por isso que o PCP está disposto a unir-se a todas as forças, a todos os portugueses e portuguesas, civis e militares, sem qualquer discriminação, para fazer frente às ameaças que nos podem conduzir à catástrofe de um golpe da reacção e da instauração de uma nova ditadura terrorista.

É por isso que o PCP defende a necessidade imperiosa da continuação e consolidação do espírito do 25 de Abril nas Forças Armadas e, nessa base, da intervenção dos militares na vida política por um período transitório mais largo.

Na acção popular, nas iniciativas de massas, na acção governativa, na luta eleitoral, em todos os aspectos e formas de actividade política, estamos prontos a juntar as nossas forças às forças de todos quantos queiram salvar as liberdades e as grandes conquistas da revolução, de todos quantos queiram salvar o País de uma nova ditadura.

Muita gente pergunta: numa tal situação, porque se não unem o PCP e o PS? A aliança do PCP e do PS não seria um factor decisivo para fazer frente à direita?

E nós respondemos: sim, seria talvez decisivo. Mas se tal aliança não se faz, não é culpa do PCP, mas da política diretista da direcção do PS, da sua política de recuperação capitalista, do seu anticomunismo, da sua política de alianças à direita, na sua política de compromisso com o imperialismo.

Os recentes documentos da direcção do PS e declarações dos seus dirigentes, mostram que esta política continua, apesar dos perigos que pesam sobre a jovem democracia portuguesa.

Uma política democrática não se faz com casamentos ou namoros com o CDS e o PPD, nem associando-se a provocadores de grupos pseudo-revolucionários, nem cosinhando com o Mercado Comum ou com os Estados Unidos, não se sabe bem que compromissos.

Uma orientação do PS voltada para a luta contra a reacção, para uma aliança com a esquerda, para uma política popular e de independência nacional seria uma contribuição do mais alto valor para a consolidação e a vitória definitiva da democracia portuguesa.

Pela nossa parte, tudo faremos para facilitar a aproximação, entendimento e acção comum de comunistas e socialistas, assim como de comunistas e democratas de outras tendências.

Incorre numa responsabilidade histórica, que jamais se dissipará, quem se recuse ao entendimento e à união de esforços para salvar Portugal democrático.

Estamos prontos a esquecer acusações injustas, agravos, ofensas e calúnias, estamos prontos a pôr de parte tudo quanto nos opõe e nos divide de outros democratas, para nos unirmos na luta contra o inimigo de todo o povo (a contra-revolução fascista) na luta pelo que há de essencial e fundamental no momento presente: a defesa de ordem democrática, a defesa das liberdades e das outras conquistas da revolução, a construção de um Portugal democrático a caminho do socialismo.

A mesma consciência da gravidade da situação e o mesmo espírito de unidade devem animar a actividade dos estudantes comunistas.

É verdade que tanto os grupos políticos de direita, como os grupos esquerdistas, nas escolas, têm uma sistemática e violenta atitude de combate aos comunistas, de combate à UEC.

Mas nós acreditamos que há estudantes influenciados por socialistas ou esquerdistas, que se unirão aos estudantes comunistas no dia em que compreendam a real situação do País e os perigos que ameaçam o novo Portugal democrático.

Além disso, mais que a unidade de grupos deve procurar-se a unidade dos grupos deve procurar-se a unidade das massas, e a grande massa de estudantes não está em qualquer grupo e não se decidiu ainda politicamente.

Quem ganhar as massas ganhará a batalha política nas escolas. É para as massas estudantis, é para a unidade dos estudantes, que se deve voltar a ofensiva unitária da UEC.

E para ganhar essa ofensiva é indispensável vencer manifestações de sectarismo, desenvolver permanentemente um esforço unitário nas actividades escolares, na luta política e reivindicativa, na acção pedagógica, na vida desportiva, nas campanhas para reanimar, dinamizar, e revigorar e democratizar as associações de estudantes e toda a vida associativa.

É extremamente mais fácil fechar-se e isolar-se uma organização num cómodo sectarismo, do que abrir-se para as massas e ganhar as massas para a sua política.

Pela força da sua organização, pela sua experiência, pelo valor dos seus quadros, pela sua firmeza ideológica, estamos seguros de que a UEC cumprirá com êxito a tarefa de unir, organizar e mobilizar a juventude estudantil na luta pelos seus interesses específicos, na luta contra a reacção, na luta em defesa das liberdades e das outras conquistas da revolução, na luta para assegurar a construção de um Portugal democrático a caminho do socialismo.

O PCP sente profundo orgulho na juventude comunista, na UEC e na UJC. A juventude é o futuro do Partido e a juventude está com o PCP porque o PCP é o partido do futuro.

Viva a unidade da juventude!

Viva a União dos Estudantes Comunistas!

Viva o Partido Comunista Português!